2.° Anno | Lisboa, 12 de outubro de 1885 | Numero 13

# A Illustração Portugueza

Semanario

## REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*B·ldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO



UMA FEIRA DE GADO EM VIDAGO

# CHRONICA

---

Atravessar a Africa... eu... nem que me dourassem!...

Podiam atravessar-me o peito, de lado a lado, mas não conseguiriam nunca que eu atravessasse o Continente Negro de costa a costa.

E não cuidem que esta confissão implica um testemunho de cobardia. Aqui onde me veem, já tenho exhibido provas d[illegible] que está ao abrigo de toda a suspeita. Fiz, por varias vezes, a travessia do Tejo e das lamas do Chiado; percorri o oceano desde S. Julião da Barra até ao cabo de Santa Maria; tomei parte n'um simulacro de batalha que ha annos se realisou em Sacavem, quando o exercito não estava ainda vestido nem reformado; li, de fio a pavio, o *Pantitheismo na arte*, do sr. Cunha Seixas, e supportei, durante uma noite inteira, sem pestanejar, a algarviada indigesta da nova actriz com que o Gymnasio abrilhantou o seu elenco.

Quem dá ao paiz todos estes testemunhos de coragem sobre-humana, estava bem nos casos de percorrer a Africa d'Oeste a Leste, se, depois dos perigos da travessia arriscada, não o esperassem ainda as estopadas d'uma recepção ruidosa.

Podendo perfeitamente arcar com os primeiros, confesso aqui, muito á puridade, que me sentiria sem forças para supportar as ultimas. E é exactamente por temor d'estas que eu não atravesso nem atravessarei a Africa.

Veja-se o que tem succedido a Ivens e Capello, desde o seu regresso. Primeiro, o discurso soporifero do presidente do Municipio, disparado, á queima roupa, do alto da cadeira senatorial, com o *vós* solemne e grave do estylo quinhentista. Estopada numero um.

Logo em seguida, quando ainda lhes resoava aos ouvidos a palavra manuelina do sr. Rosa Araujo, envolta em pergaminho amarellento e grossas teias d'aranha côr de chumbo velho, os discursos da Sociedade de Geographia, que pretende abotoar-se com todas as glorias da exploração, assim como quem não quer a coisa. Massada numero dois.

Depois de um curtissimo intervallo, em que mal tiveram tempo para mudar de *toilette* e limpar o pó das sandalias, um banquete em S. Sebastião da Pedreira. Novos discursos congratulatorios, os logares communs do estylo, mais rhetorica que champagne, mais palavriado que pratos do meio. Estopada numero tres.

No dia immediato, a leitura do relatorio em S. Carlos. O Niagara da rhetorica nacional despeja-se todo, em borbotões de espuma, sobre as frontes engrinaldadas das duas victimas. Os troncos pendem-lhes para a frente, vergando ao pezo das veneras. As cabeças esvaem-se-lhes n'aquelle *brouah* palpitante de mil ovações estrondosas. O sr. Antonio Augusto d'Aguiar arremessa sobre elles catadupas d'imagens, que fulgem como relampagos no vasto recinto adornado em gala. A linha sinuosa da travessia, pintada a vermelho n'um grande mappa mural, immovel, apparece-lhes como um espectro pavoroso e sangrento, recordando muitos dias de fome, muitas horas d'angustia indiscriptivel. Salvo o respeito pelos oradores d'aquella noite festiva, o sarau de S. Carlos foi, para Capello e Ivens, o quarto flagello experimentado em terras luzitanas. Massada numero quatro.

Em seguida a isto, convites para assistirem a cavalhadas em Belem, a regatas no Tejo, a jantares aqui e acolá, longe e perto, a *salsifrés* em casas particulares, a *soirées* espaventosas nos salões do grande mundo. O retratista fulano a pedir-lhes que vão *poser* no seu estabelecimento. O emprezario cicrano a metter empenhos para que ambos abrilhantem um espectaculo do theatro X... com as suas presenças. A viscondessa de L... a convidal-os para um *five ó clock*. Toda a gente a abraçal-os, todo o mundo a explorar em proveito proprio os seus nomes e os seus feitos.

Hoje, um banquete, em que os donos da casa os apresentam aos commensaes, como aves raras. Amanhã, um baile e um concerto, uma recita de gala e um novo discurso estopante.

Nas ruas, uma aluvião de perguntas, uma infinidade de paragens para receberem *shake-hands*. Nos jornaes, adjectivos de convenção e phrases de cliché, aos milhares. Nas montras das lojas, photographias representando-os em todas as attitudes.

Se vão ao Gremio, fazem logo circulo em volta d'elles, e todos querem saber porque motivo o Ivens recusou, sob o sol causticante e aphrodisiaco da Africa, a preta de vinte annos, pura como o arminho — salva a côr — que o regulo Muchiri lhe offerecera para esposa.

Se entram no Martinho, até o patife do Valentim se permitte interrogar Brito Capello ácerca das dimensões dos narizes africanos.

Os poetas impingem-lhes decassylabos bombasticos, em que se desenterram as velhas glorias portuguezas. Os prosadores chamam-lhes peregrinos, loucos, semi-deuses.

As phylarmonicas consagraram-lhes hymnos espalhafatosos. As multidões acotovelam-n'os na passagem. A Associação Commercial recebe-os em sessão solemne. Os jornalistas mimoseam-n'os com varias resmas de papel, mais ou menos limpo, onde se leem milhares de nomes, escriptos pelo proprio punho do indigena embasbacado, e dão-lhes um sarau litterario e musical no theatro de D. Maria. Estopada numero cinco, afóra outras, supplementares e miudas, que se não annunciaram em programma.

O sarau foi a ultima festa offerecida em Lisboa a Capello e Ivens. Houve musica, houve discursos patrioticos, sonetos de Camões, versos de Thomaz Ribeiro, arias da *Gioconda*, sonatas de Chopin, prodigalidades de piano, *fiorituri* de violino, houve de tudo, e tudo elles ouviram, cansados de tanto applauso, de tanta musica, de tanto verso, de tanta gloria.

De Lisboa, os dois benemeritos seguiram para o Porto, onde se reproduzirá a mesma serie de jantares, de saraus, de *lunchs*, de passeios fluviaes e de concertos.

E no meio de todas estas manifestações, que glorificam os arrojados e heroicos feitos dos dois benemeritos, mas que os massam tambem,—devemos confessal-o— uma só houve que não encontrou echo no coração dos patriotas portuguezes. O manifestante ficou isolado, sósinho, e a sua voz perdeu-se por entre o clamor intenso das festas. Todavia, o seu pensamento era mais pratico do que todas as homenagens ahi consagradas a Capello e Ivens, n'esses dias de nevrose e de jubilos populares: cifrava-se em propôr ao paiz agradecido, que fizesse á sua custa a edição do livro dos exploradores, para o espalhar pelas aldeias mais humildes, para o distribuir pelas escolas, para educar com elle, na leitura dos feitos nacionaes hodiernos, o espirito do povo, que tão mal educado anda.

Fizera-se outro tanto a Lamartine em França, a Nordenksjold na Suecia, a Fernando de Lesseps na Inglatera: vae agora fazer-se o mesmo á memoria de Grant nos Estados-Unidos. Entre nós, não é de uso saldarem-se, n'esta moeda pratica e digna, as dividas de reconhecimento. Prefere-se saldal-as em prosa e verso. Quando muito, pagam-se as despezas dos foguetes n'um momento de enthusiasmo fugitivo, e depois... depois deixam-se morrer os heroes no catre de um hospital.

E hei de eu querer atravessar a Africa? Oh! nunca!

CASIMIRO DANTAS.

# O CADAVER

Soube-se um dia em Lisboa que tinha apparecido um assassinado para as bandas do Campo Grande, alta noite, mesmo ao pé do muro de uma quinta. Era em pleno estio, quando a população da capital emigra para todos os seus arredores. N'esse ardor annual de bucolica, a noticia caiu como um mensageiro de terrores, e a vida do campo creou subitamente, aos olhos dos emigrados, um aspecto torvo de crime.

Pairava sobre esse caso tragico um mysterio profundo. Não se suspeitava quem fosse o assassino. Não se calculava sequer que causa determinára o crime. Posta em campo, a policia nem ao menos conseguiu lançar-se n'uma pista falsa; faltavam-lhe completamente todos e quaesquer indicios, desde o rudimentar rasto de passadas até ao boato inexplicavel do povo.

O assassinado tinha um nome na sociedade elegante de Lisboa. Era novo, rico, alegre, sem inimigos, sem ligações aventurosas. Sabia marcar *cotillons*. Montava a cavallo. Estimavam-no sem reservas, como a uma creatura neutra pelo espirito e pela alma. Gosava a suprema ventura de não ser ninguem n'este mundo.

A autopsia ao cadaver, descoberto por volta da madrugada, estabeleceu que a morte fôra produzida por um tiro de pequeno calibre na fonte direita, com largo derramamento interno e externo, e que devia datar approximadamente das onze horas da noite. Nas algibeiras do morto tinham-se encontrado papeis sem importancia, dinheiro em oiro e em prata, o seu relogio e cadeia, uma lapiseira de marfim. Era evidente que não tinham assassinado aquelle pobre rapaz para o roubar. E ninguem se perdia em conjecturas, porque, na verdade, não havia conjecturas possiveis em face de tal extravagancia.

Minutos antes da descoberta do cadaver, vinha do Campo Grande, a pé, sósinho, pelo bello luar da noite, o Fernando de Moraes, um valsista infatigavel de todos os bailes de campo. Excellente moço, de uma finura precoce de nervoso, com delicadezas superiores á sua magra instrucção, necessidades estranhas e inconscientes de ideal, — tirára o chapeu ao fresco da noite, e vinha por alli fóra pausadamente, gosando o silencio em que apenas cantavam cigarras, e em que a lua derramava uma claridade alvacenta.

A partir de um cotovello da estrada, o muro de uma quinta projectava a sua sombra no *macadam*, cortando-o em duas fitas de côres differentes. Fernando, seguindo pelo mesmo lado em que vinha, entrou na zona da sombra. De repente, distrahido, tropeçando em qualquer coisa de molle, caiu de bruços para a frente, com as mãos estendidas. As suas mãos bateram n'uma superficie fria e molhada; e quando elle rapidamente se quiz firmar para se pôr em pé, encontrou cabellos, o seu olhar já habituado ao escuro reconheceu um cadaver alli estatelado, de ventre para o ar, com a cabeça um pouco de lado, livida e horrorosa sob o luar alvacento.

Pôz-se a pé de chofre, gelado até á medulla, sentindo-se aniquilado e pallido como aquelle defuncto. Depois, afastou-se estugando o passo, com as pernas tremulas, a garganta contrahida por um terror. Vinte passos andados, sentiu atraz de si patadas de cavallos avançando vagarosamente; e no silencio da noite, ouviu o tilintar dos freios. Depois, o baque surdo das patadas parou; e ao cabo de um minuto, Fernando ouvia apitarem como desesperados, com um rolar ininterrupto de assobio, emquanto que as patadas dos cavallos se precipitavam na sua direcção. Cheio de um medo irraciocinado, subitamente galvanisado no seu terror que o punha tremulo, deitou a correr com quanta força tinha. A pequena distancia, enfiou por um atalho sombrio que desemboccava na estrada; quasi ao mesmo tempo, dois municipaes a cavallo passavam á desfilada na estrada, atraz de si, arrebatados n'um galope infernal, apitando sempre.

Viu luz a pouca distancia, no escuro, e correu sempre, direito a ella, cego para tudo que não era ella. Tropeçou n'um barranco, levantou-se immediatamente, tornou a correr, mais adeante tropeçou outra vez n'uma arvore caida, pôz-se a pé, e chegou esbaforido á orla de um caminho, depois de ter andado alguns cinco minutos por entre campos. A luz estava do outro lado do caminho, agora, mas ficava a muito maior distancia do que o fizera suppôr a escuridão. Parou, instinctivamente; seria denunciar-se, apparecer assim alvoroçado deante de alguem.

Reconheceu uma taverna ainda aberta. Deu umas sacudidellas ao fato, verificou se teria o chapeu amolgado pelas quedas, compoz o laço da gravata encarnada. Depois, atravessando o caminho, chamando a si todo o seu animo, entrou, bateu palmas. A taverneira acudiu lá de dentro, chegando a sua cara engelhada de velha á luz baça da candeia pregada na porta interior.

—«Dê-me... dê-me aguardente,— disse Fernando.»—

E pensava.

—«Se eu estarei pallido! se eu estarei tremulo!...»—

Sentára-se, quasi se deixára cahir sobre um banco de pinho alinhado com uma extensa mesa, ao fundo sombrio da taverna. A velha trouxe-lhe uma grande garrafa branca, oitavada, cheia de um liquido turvo, de um amarellado ligeiramente vinoso, e um copinho. Não fallou, tinha olhos de somno, parecia casmurra de a terem ido incommodar. E retirando-se logo para junto da porta interior, agachou-se no chão com os braços cruzados no peito e a cabeça pendente, como para continuar o somno interrompido.

Fernando encheu um copinho, e ia leval-o á bocca, machinalmente, quando os seus olhos se fixaram na sua mão direita, que parou a meio caminho. Tinha a mão cortada de laivos de sangue já secco, de um vermelho escuro. E voltou-lhe todo o seu terror. A espaços, considerava-se verdadeiramente assassino, e horrorisava-se de si proprio. Poisou o copo sem beber, e metteu a mão no bolso do casaco, como quem esconde um facinora n'um cacifo. Depois, sentiu-se branco como a cal, pensando de novo:

—«Estou decerto cheio de sangue..., talvez com sangue na cara, com sangue no fato...»—

E estremecendo, viu defronte de si a velha, imaginou que ella o espionava com o seu perfil adunco, presentiu-se denunciado por ella. Teve impetos de deitar outra vez a fugir, e de correr, de correr sempre para a frente, doido, com a cabeça vasia de intenções e de pensamentos, até ao fim do mundo, vertiginosamente, n'uma fuga phantastica adeante de esquadrões de cavallaria que o perseguiriam tambem sempre, apitando. Então, n'um esforço violentissimo da sua vontade contra o seu terror louco, enguliu de um trago o copinho cheio, encheu outro e bebeu-o, depois encheu outro, e outro, e outro, enguliu-os sem quasi saber o que fazia, bateu na mesa com cinco tostões que tilintaram acordando a velha, e saiu sem esperar pelo troco, e metteu-se a caminho ao acaso, como um espectro, olhando sem vêr, com o cerebro cheio de allucinações atrozes, até que caiu n'um vallado e adormeceu como uma pedra, vendo em torno de si uma dansa macabra de cadaveres lividos, empastados de sangue.

Quando acordou, era meio dia, entrava-lhe o sol pelo quarto dentro; e Fernando, erguendo-se meio estonteado, com uma vaga recordação muito confusa da sua terrivel noitada, notou que a unica porta do seu quarto estava fechada á chave por dentro, e que uma accummulação de moveis formava barricada de encontro a essa porta. Fez-se então mais nitida, no seu espirito, a evocação dos acontecimentos da noite. Voltou-se, o seu fato estava sobre a cadeira do costume, e tinha vestigios de lama. De repente, levou a mão direita aos olhos; e viu-a,—cortada de laivos de sangue já secco, de um vermelho escuro. Era pois verdade tudo! Mas como viera elle alli parar, depois da queda examine no vallado, apoz a qual de nada se lembrava?

Entretanto, o luminoso sol, o movimento da rua, o dia—entravam-lhe agora no cerebro e clareavam-lh'o; e expulsavam de lá os terrores phantasticos, — simplesmente os terrores irraciocinados. Fernando via agora os factos lucidamente, e apenas estabelecia no seu espirito este aphorismo sensatissimo:

—«Se se lembrarem de propalar que furtei subrepticiamente o zimborio da Estrella, a primeira coisa que tenho a fazer é fugir para o estrangeiro, e justificar-me depois de lá...»—

Raciocinou então o seu caso, methodicamente, e poz-se á obra. Examinou nas menores minuciosidades o seu vestuario, encontrou uma nodoa de sangue no collete, outra no lenço da algibeira. Accendeu uma vela, queimou o lenço, fez depois uma larga queimadura no collete. Procedeu em seguida a uma revista supplementar, e reconheceu que tudo o mais estava em perfeita ordem. Então, fez a sua *toilette* com precauções infinitas, empregando todos os sabonetes, todos os cosmeticos; e degredando para o fundo do seu bahu o seu vestuario da vespera, vestiu-se todo de novo,—sempre com a porta implacavelmente fechada, como um homem que fizesse moeda falsa. Depois, desarrumando os moveis encostados á porta, saiu, foi almoçar ao restaurante, e andou todo o dia alegre, mal pensando de tempos a tempos na sua aventura da vespera.

A' noite, no *Martinho*, os seus olhos cairam sobre um jornal em que vinha a noticia do funebre achado, e acertou logo com estas palavras : —«*O cadaver tinha dedadas de sangue na cara. A policia anda na pista do assassino.*»—Teve um calafrio, turvou-se-lhe instantaneamente a vista, como se visse os beleguins deante de si.

E todo o horror da noite precedente lhe voltou, viu-se caindo sobre aquelle corpo inerte, as suas mãos palpando o frio humido do rosto do cadaver, os seus dedos ficando assignalados em sangue na face do morto. Olhou de repente para as mãos, e pareceu-lhe vel-as cheias de sangue ainda fresco e môrno, fumegando como ao esguichar da ferida de um assassinado. Ergueu-se, cambaleando; e levantando a golla do casaco, derrubando para os olhos o chapeu, cosendo-se com as paredes, escondendo-se na sombra, tremendo e ficando-se palpitante ao ver alguem que parecia dirigir-se-lhe, foi metter-se em casa com precauções de ladrão, com esquivanças de assassino que se evade.

O escuro da escada fez-lhe medo, via de repente alvorecer em certos pontos da treva a face livida do cadaver,—do seu cadaver,—e tomar-lhe os degraus. No seu quarto fechou-se por dentro, accendeu luz, e passou toda a noite sentado n'uma ca-

deira, absolumente immovel, na attitude boquiaberta e desvairada do assombro perante qualquer coisa de infinitamente horroroso, tendo um solavanco electrico a cada rangidosinho do caruncho nas madeiras, pelo silencio cavo da noite.

Por volta da madrugada, adormeceu.

Viu-se deitado n'um esquife, assassinado, com um buraco de bala na testa; e assim morto, atrozmente pallido, com as mãos encruzadas sobre o peito, um policia da segunda divisão agarrava-o pelo hombro, dizendo-lhe:

—«Está preso! ande lá pr'a esquadra!...»—

Teve um sobresalto e acordou. Ao cabo de cinco minutos, adormeceu de novo.

Viu-se na estrada do Campo Grande, por horas mortas da noite, fazendo uma espera ao assassinado, apertando na mão crispada um punhal. E esse punhal era feito de uma velha gazeta retorcida, mortiferamente retorcida. Mas uma patrulha da guarda municipal surprehendia-o, e forçava-o a confessar o seu criminoso intento, apontando-lhe á cabeça, com arreganho, um apito.

Acordou de novo, alagado em suor frio. Era manhã clara. Seriam oito horas.

Levantou-se, marchou machinalmente para a porta n'um passo hirto de phantasma, e saiu. Um amigo disse-lhe na rua, rindo:

—«Vaes sem chapeu?!...»—

Não fez reparo nas palavras nem no facto. Entrou n'um commissariado de policia, e contou ao commissario:

—«Venho dar-me á prisão. Fui eu que matei esse homem no Campo Grande. Matei-o agora mesmo... porque precisava absolutamente de matar esse morto...»—

BELDEMONIO.

## RECUERDO

Amavas-me, disseste. O sol ia tingindo
As nuvens de vermelho, e oiro e rosa e violaceo,
O mar arqueava o dorso enorme de cetaceo,
Como um titan vencido. A mão beijei-te rindo,

E o teu olhar azul tão meigo e scintillante
Reflectia ante mim o largo ceu distante.

Teu fulvido cabello, onde ás vezes m'escondo,
Tinha scintillações magneticas, como o oiro
Que puro sae da terra. Em pulsações de toiro
Frenetico beijei o seio teu redondo.

Olhavas para o ceu immerso em funda bruma.
O mar quebrava em baixo os vagalhões d'espuma.

Noivavam rouxinoes nas sebes orvalhadas.
Bachantes sensuaes, as arvores gigantes
Deixavam fluctuar as comas luxuriantes
A' viração d'abril, lubricas, desgrenhadas.

A lua abria no alto o seu leque, amorosa
Como noiva, qu'esconde a face côr de rosa.

Desmaiavam d'amor as lucidas estrellas,
O universo todo era um leito nupcial,
Palpitante estreitava o teu corpo sensual,
E de beijos vestia as tuas fórmas bellas...

AUGUSTO RODRIGUES.

# TYPOS LISBONENSES

RETRATOS Á PENNA

O seu nome, um nome aristocratico, figura ás vezes,—poucas vezes—nos *carnets* elegantes dos jornaes mundanos, a proposito de um baile, de um *five ó clock*, ou de uma *villegiatura*.

De resto, o nome assim como a mulher que o usa, não se prodigalisam.

Pairam ambos na delicada e casta penumbra, onde não chegam os commentarios mutilantes da Havaneza e as apreciações, pouco caritativas, da publicidade.

Vive com as suas plantas, os seus livros predilectos e os seus poetas queridos.

Uma doença cruel devora lhe a vida, gasta-a lentamente, como uma pobre flôr melindrosa a que falta um raio de sol.

E' uma nevrotica, na ampla acepção da palavra, e uma romantica, no bom sentido do vocabulo.

N'este seculo utilitario, em que as mulheres calculam e leem de cadeira, quando se trata de sommar e multiplicar; n'esta epoca, eminentemente positiva, em que as louras vaporosas e pallidas scismadoras, ácerca das quaes Shakspeare reeditaria o seu candido madrigal: «*O sweetest, fairest lily!*» trocam, sem hesitar, o ramilhete azul de *forget me not*, por um volumoso rolo de inscripções, ella tem no coração um collar de illusões, que a envolvem, que a aformoseiam e que a defendem contra as brutaes investidas da duvida.

Não é bonita; não possue a harmoniosa e soberana belleza que os poetas cantam, que os pintores copiam, que os esculptores adoram, tentando fazel-a palpitar na sagrada curva do marmore irreprehensivel.

E no entanto, ninguem mais do que ella foi creada para inspirar o amor; não o amor pagão, exuberante de voluptuosos ardores, de sensuaes desejos, de devoradoras caricias; mas o divino amor metaphisico, que cristalisa o espirito e não chega á terra senão depois de haver morado na alma de uma estrella...

E' alta, magra, pallida e triste, como aquelles que tem de viver pouco; nos seus bellos olhos negros, embuscados em compridas pestanas, vigorosamente sombreados pelo til das sobrancelhas, arde um fogo estranho, que dardeja, não raro, um clarão deslumbrador. A cabeça airosa e pequena, curva-se sob o peso do cabello, que se desdobra em ondas de setim, que se lhe enrosca na nuca franzina e anemica: uma flora tropical, cujas raizes, avidas como pequeninas bôccas famintas, a pobre cabeça doente não tem forças para sustentar.

Casaram-a aos 15 annos com um respeitavel politico, que poderia ser seu pae, o qual recorreu ao argucioso expediente de offerecer-lhe uma boneca, no dia em que interrompeu um rober, para pedil-a em casamento.

Ella gostou da boneca e não desgostou do pedido.

No *grande dia*, *Mann* teve a gloria de receber no peito de pellica e serradura, um raminho de flor de laranja, roubado pela desposada á sua branca grinalda virginal. Diz-se que a pallida noiva continua a ter direito de coroar os seus formosos cabellos com a symbolica flor do noivado.

O politico, arrasta o seu rheumatismo pelas galerias das duas camaras e pelas bancas de jogo.

A' hora em que elle pede licença, no voltarete, para se fazer em copas, ella lê Musset e Hugo, os dois poetas do amor; depois, á meia noite, a hora dos mortos, a hora em que resplendem, sem a cilada do sol e sem a attenuante da luz brutal que põe em evidencia uma ruga importuna e um cabello branco desmancha-prazeres, os outonos femininos, ella espalha as serpentinas tranças na fina bretanha do lençol, e depois de ter espalhado violetas e jasmins debaixo do travesseiro, deita-se e sonha...

No dia immediato, ao almoço, e depois ao jantar, unicas horas em que os dois se encontram e conversam, o marido falla-lhe da ultima fornada de pares, ou do proximo annunciado discurso do sr. Fontes.

Ella estremece, acorda e responde a primeira banalidade que lhe lembra.

Depois, elle baixa ás côrtes, ella sóbe ao radioso paiz do sonho, onde Barbey d'Aurevilly, um dos raros que sabe interessar, comprehender e definir os insondaveis mysterios que se occultam no coração da mulher, lhe segreda ao ouvido, na vibrante eloquencia do silencio em que se attraem, se confundem e mutuamente se amparam e consolam, a alma do poeta e a alma da mulher: «Les femmes!... Voyageuses brulées de tous les soleils, «fatiguées de tous les orages, dans ce desert qu'elles achèvent «de traverser seules, et sans se plaindre d'une soif qui demeurera dèsormais inapaisée une affection,—á n'importe quel titre,—«n'est-elle pas pour elles comme un verre d'eau de la rosée du «ciel, donné au nom d'un Dieu miséricordieux?... Mais quand «cette affection est un amour comme ceux de la jeunesse ecoulée, n'y a-t-il pas une douceur plus suave encore que celle des «premières années, dans cet amour, sur lequel ou ne comptait «plus? ..»

Ella sente, vagamente, a sede, latente em todas as creaturas, d'esse orvalho celeste que se chama amor.

Uma voz, mysteriosa e doce, canta debaixo do seu balcão, inundado de um luar melancolico, e vestido de heras e clematites, a serenata que Mephistopheles arrancou aos labios voluptuosos de Helena...

O tentador apparece, a luz faz-se e a pallida devaneadora acorda um dia, transfigurada e palpitante do apaixonado amor, que aos vinte annos é um idyllio, que aos trinta annos é uma tempestade.

«O amor é mais forte do que a morte», cantavam as filhas de Sião, assentadas das margens do Euphrates, deixando cair o pranto amargo da saudade na sombria onda do paiz do exilio.

Mas a consciencia é ainda mais forte do que o amor e a morte: a flor da laranjeira, que um dia roçou a sua alvura immaculada n'essa onda de setim preto que se lhe espraia nos hombros frageis, conserva ainda a mesma brancura ideal e o mesmo aroma paradasiaco...

Ella crava os olhos no futuro, e enlaçada no seu precioso collar de illusões, espera que elle lhe dê a chave de oiro, que deverá abrir o eden.

Mas em quanto o futuro não chega,—o futuro, esse intrincado e sombrio problema, que nenhum mathematico resolve, para o qual ella caminha, deixando por onde passa um subtil perfu-

me a feno, — a morte, a *sinistra bacchante*, approxima-se, e no coração que Deus creou para o amor, e que o mundo votou á noite da viuvez sem aurora de nupcias, a lesão rasgou a pequena janella funebre, por onde o espirito da pobre visionaria ha de passar, a caminho do infinito!

GUIOMAR TORREZÃO.

# O ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO

Quando o sr. Feliciano Moreira, negociante matriculado, se dispunha a sair de casa para ir á praça, foi detido pela mulher, que o segurava por um braço, dizendo :

—«Vamos, sente-se n'essa cadeira, que temos que fallar.

—«Que novidades ha? perguntou o marido espantado da intimação.

— «Sente-se; e oiça.

O marido sentou-se.

—«Que dia é ámanhã, seu maganão?

—«Terça feira, 17 de novembro, dia de S Gregorio.

—«E que mais, seu cabecinha de vento?

—«Que eu me lembre, mais nada.

—«Pois em que dia casámos nós?

—«Agora, agora! Foi a 17 de novembro.

—«E ha quantos annos?

—«Isso seria muito lembrar.

—«Ha 25. A'manhã é o anniversario do nosso casamento de prata.

—«Bem: não queres mais nada de mim?

—«Ainda eu a bem dizer não principiei.

—«Então, anda. Principía.

—«A'manhã vae haver festa rasgada nesta casa. Jantar ás seis horas da tarde, e á noite *balancé*. A' calada, sem tu teres dado por isso, já temos portas a dentro de casa uma perna de vitella, outra de porco, um fiambre, e um perù, que está bensa-o Deus, como um abbade. Todo elle é untos.

—«Bem; provaremos de tudo isso.

—«O caso não fica por aqui. Como estamos no tempo da matança ha-de haver ainda chispe, orelheira e a fressura dos taes sujeitos.

—«Isso é comesana para um batalhão!

—«E os convidados ?

—«Os convidados! E quan tos são elles?

—«Vinte e cinco. Tantos, quantos os nossos annos de casados.

—«Mas na mesa não cabem senão 12. E os outros?

—«Isso era bom se eu não tivesse já duas tabuas supplementares, de reserva. Arruma-se-lhes por baixo os pés da mesa de engommar, e está a coisa prompta. A'manhã estreia-se a roupa de mesa que tu compraste em Guimarães, e saem a publico os vidros, a que tu chamas crystaes, e que deixou cá empenhados ha tempos o morgado da Azoeira.

—«Vinte e cinco convidados! Tantas visitas não temos nós

—«Nem é necessario. Trata-se de comer e não de visit as Assim de memoria, que eu me lembre, convidei as mninhas afilhadas Grillas, o major Pompeu, a irmã e as sobrihas. .Vem tambem o teu socio Ezequiel, com a mulher, e mais ocoadjuco

DEPOIS DO BAILE

da freguezia, que é um ratão de bôas lerias, e a familia das Mourões, que trazem comsigo um rapaz muito devertido, que não tem emprego, e repete de cabeça as mesmas coisas que o Taborda diz no Gymnasio.

—«Esse ultimo patusco dispensava eu de boa vontade.—Um vadio!

—«Não te ponhas tu com escolhas, que então é que não temos nada feito. A' noite é que ha de ser o bom e o bonito! Havemos ter lôto, dominó, e jogo da Gloria, sem botar conta ás coisas que ha de cantar uma das Mourões, acompanhada pela Grilla mais velha, que já anda no Conservatorio. Nos intervallos, o tal rapaz, a quem tu chamas vadio, recitará a «Lua de Londres» do João de Lemos e a «Doida d'Albano» do Rodrigues Cordeiro. Eu já mandei afinar o piano, que com os puchões que o homem lhe deu está que parece um orgão.

—«Então até logo. Eu passo agora pelo nosso padeiro a prevenil-o de que tu tens duas pernas para assar, e um perú, e o mais que fôr. Como agora não é tempo de fructas, eu me encarrego dos doces. O que eu quero que tu me faças fatias da China, que os confeiteiros não se entendem com ellas. Adeus.

E depoz um beijo legal, com estampilha de saliva, na fronte casta de Serafina, que assim se chamava a cara metade de Feliciano Moreira.

Já elle ia a sair:

—«O' Feliciano! Passa pelo Club e traze meia duzia de baralhos de cartas corridas, talvez haja alguem que se lembre de jogar o voltarete. Apenas o Feliciano sahio, a mulher sentou-se, batendo palmadas nas pôpas das pernas com uma grande estupidez, o que n'ella era indicio de intima alegria. A Serafina era uma matrôna muito jovial, vergando ao peso de umas poucas de arrobas de carne, de seios amplos, e larga transpiração.

De si mesma affirmava que tinha sido bonita em creança, e estribava o seu dizer no facto de haver servido de anjinho n'uma procissão em Alcoentre, terra da sua naturalidade. O marido era apenas caixeiro de cambista, quando lhe saiu a sorte grande n'um decimo da loteria de Hespanha. Metteu-se ao negocio, e eil-o ahi vae. No caminho atravessou-se-lhe a Seraphina, que tinha vindo a Lisboa a banhos, na companhia da mulher de um casaleiro que vendia creação para a praça da Figueira.

O primeiro encontro do Felianno com a que depois veiu a ser sua mulher, fez-se na barca *Flôr do Tejo*. Amor que resiste a ver uma mulher de tunica de barregana, e coifa de oleado amarello na cabeça, tem as suas provas feitas. Invertidas as scenas namorada que não desiste da teima de subir ao altar com um homem que já viu vestido de malha, listrada de branco e de encarnado, é uma heroina, ou uma especuladora.

Pois foi n'uma d'estas mascaradas que os futuros esposos se conheceram, agarrados cada qual á sua respectiva corda, cobertos de limos, rôxos de frio, perfumados pelo cheiro neptunino da marzia, afagados pelas chicotadas acres das alforrecas.

Tão enleiados andavam ambos no seu idylio piscatorio, que se deixaram ficar de môlho até o dia de Todos os Santos, arriscando-se a sairem d'agua tolhidos de reumathico, e com os corações crystalisados, como dois pedaços de rocha.

O primeiro presente que ella lhe deu foram uns suspensorios bordados a matiz, com uma trepadeira de amores perfeitos. Elle mais endinheirado e mais senhor das suas acções, presenteou-a com uma pulseira de ouro esmaltado, com o seu cadeado em feitio de coração, destinado a ser o futuro asylo de duas madeixas atadas com o respectivo fio de retroz verde.

Casaram. Arrufos nunca os houve entre os dois, excepto quando ella o queria obrigar a ir á missa, ou quando elle azoava por não ter o collete branco engommado a tempo e a horas. No mais não direi que eram dois pombinhos, as mantas de toucinho dos dois conjuges brigariam com a comparação, mas sim dois pacificos ruminantes retouçando a seu modo nas delicias da vida.

Para que as festas lhe corressem direitas ao outro dia, D. Seraphina fez de vespera ensaio geral, obrigando a andar tudo em casa n'uma poeira. Chamou primeiro o criado, que era dos suburbios de Chaves, e andava fugido ao recrutamento, e deu-lhe, a titulo de remuneração pelos seus serviços, uma andaina completa de fato do marido, casaca, calça e collete, tudo preto; e mais uma gravata branca, e umas luvas que deviam ter sido da mesma côr, e mandou-lhe que se fosse vestir, que o queria ver enfarpellado de criado de mesa.

Emquanto o homem se foi metter em talas, partiu ella para a cosinha quebrar os ovos para as fatias da China, voltando logo trazendo ao hombro uma escada de thesoura, que aprumou ao guarda-louça na idéa de tirar os crystaes, quando foi surprehendida pelo criado que lhe não dera tempo para descer. D. Seraphina acocorou-se pudicamente nos degraus, porque o criado não era cego, e ella não desejava que lhe ficassem sabendo a côr das ligas. Lá como pôde desempoleirou-se, e veiu á terra firme rever-se na sua obra. O rapaz vinha comicamente enroupado, mas resignado com a sua sorte. Queixava-se um pouco das orelhas, que os collarinhos lhe iam cavillosamente desarreigando, e mais nada dizia de sua pessoa. Pois não lhe faltava assumpto, coitado! Logo á primeira inspecção reparou D. Seraphina que a gola da casaca precisava de muita benzina, e as luvas de muito miôlo de pão para desencardirem. No que ella não fez reparo foi na casaca, que podia ainda aboletar mais um hospede, e nas calças que, apesar de esticadas pela presilha, taes refegos lhe faziam na barriga, que só lhe valia o sexo para não ser maliciosamente suspeitado... de maternidade.

Apesar da excentricidade do figurino, D. Seraphina achou que o fato nem por medida se lhe ageitaria mais ao corpo, mas que se lhe fossem precisas algumas emendas, para isso é que serviam os alfinetes.

E como a victima concordasse com a iniquidade da sentença, mandou-lhe despir a casaca para a limpeza da gola, dizendo que emquanto á camisa lhe não via remedio; que um dia não eram dias, e que se os collarinhos chegassem a feril-o o unguento santo era obra de desengano para curar masellas.

O rapaz resignou-se com a idéa da guilhotina, e sahiu para se ir pôr á vontade. D. Seraphina de espanador em punho entrou pela sala dentro sacudindo tudo a êsmo, com a valentia com que nas eiras se estrema o trigo da palha a golpes de mangual. Apesar do trabalho uma idéa fixa preoccupava D. Seraphina:

—«Se o rapaz chegaria a vêr-lhe as ligas! Logo pelo diabo andava hoje sem calças. Ora, adeus! Lá diz o annexim: «que veja com a bocca e coma com a testa.»

E até noite fechada andou D. Seraphina n'uma dobadoira, pondo aqui, tirando d'ali, escondendo para acolá. Uma Babel infernal.

Chegou o grande dia! Por bisbilhotice do commensal que os donos da casa ainda não conheciam, lia-se no *high-life* dos jornaes da manhã a noticia de que o Feliciano e a Serafina faziam n'aquelle dia 25 annos de casados.

Era a primeira vez que um e outro viam os seus nomes em letra redonda, e tal foi o abalo que apanharam com a leitura, que chegaram a receiar que a esquadra embandeirasse em signal de regosijo!

Eram cinco horas e um quarto quando principiaram a chegar os convidados. Os primeiros que appareceram foram as Grillas, duas raparigas esgroviadas, de um branco-sujo, e com uns pés que só achavam calçado feito para elles na Ribeira Velha! Apesar dos physicos, eram atiradiças, e davam mais que fazer ao guarda-nocturno que todo o resto da visinhança.

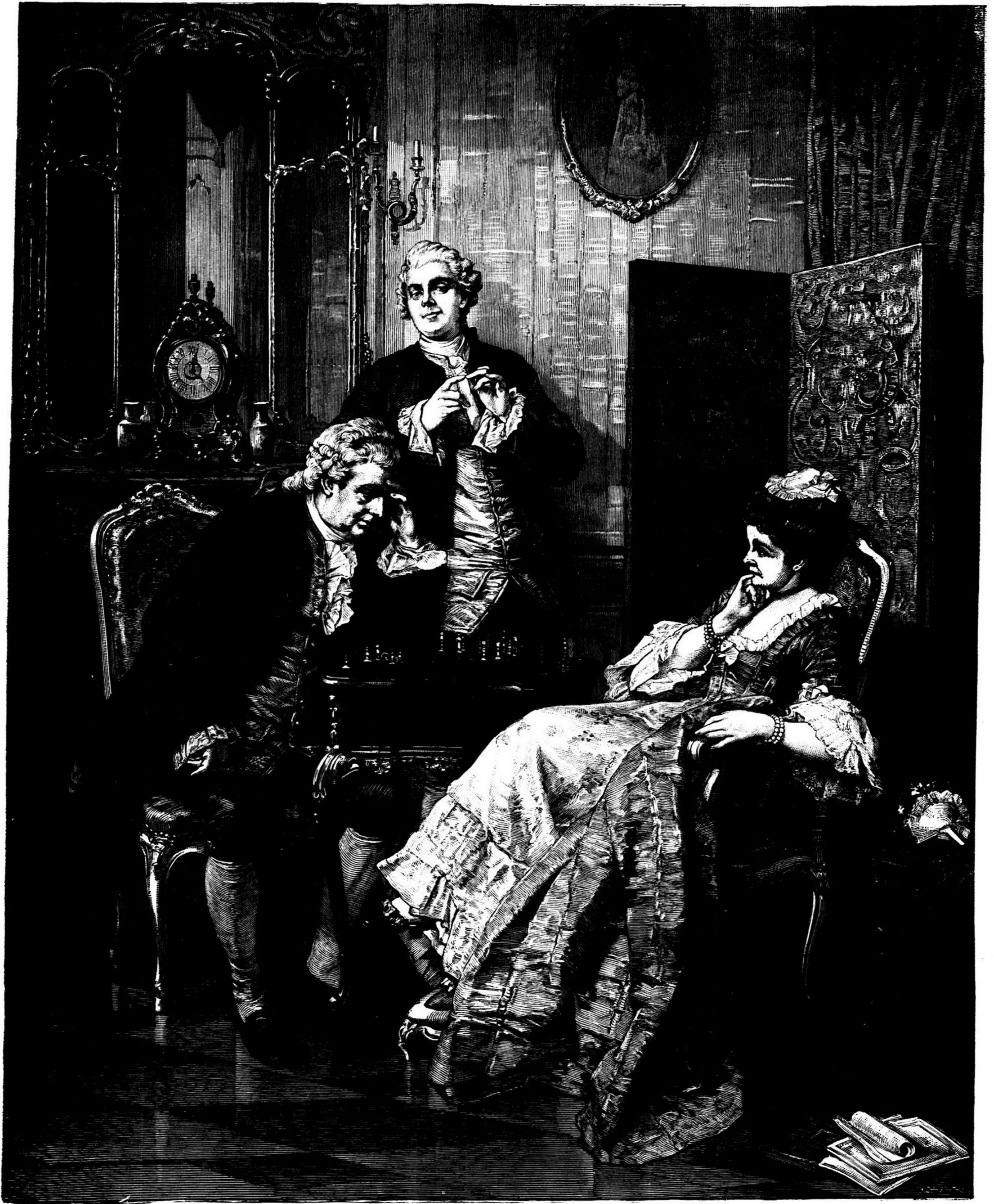
Depois veiu o major Pompeu, com a irmã e as tres sobrinhas. Elle fizera a sua carreira militar em S. João Baptista d'Ajudá, sempre com o receio de vêr a cabeça jogada aos dados. Em se lhe fallando do rei de Dahomey fazia-se de mil côres, e mudava logo de conversa. A irmã era uma virago. Tinha suissas, e um andar tão desmanchado, que parecia um homem. As filhas, vistas de longe, davam ares de tres guigas em dia de regata, tantas eram as fitas e os laçarotes que deixavam ondear á mercê do vento. Tinham-se na conta de bem fallantes, liam os jornaes politicos, e até uma d'ellas, a Julia, tinha queda para estudos financeiros, e fallava na divida fluctuante, com a mesma consciencia com que podia fallar da girafa do Jardim Zoologico. Fôra o escripturario de um escrivão de fazenda quem a iniciára nos augustos mysterios dos dividendos, dos juros, e das amortisações.

Atraz d'estes chegou o socio do dono da casa, o Ezequiel, com a mulher, e o coadjutor da freguezia, que as más linguas, e os calemburistas, diziam que pretendia exemplificar fóra da egreja a designação do seu officio, achegando-se ao Ezequiel, e por tabella á mulher d'elle. Eu creio que isto era simples calumnia, e fundo a minha crença, não na virtude d'ella, mas no bom gosto do padre que não se deixaria assim amarrar a um cêpo que não tinha feitio de mulher, e ainda por cima era asthmatica.

Depois appareceram as Mourões, essas sim, que tinham que vêr e ouvir, as raparigas se entende, porque as duas tias eram dois verbos de encher, e a avó, que viera arrastada á festa, para não ficar só em casa, uma mumia que andava a dormir pelos cantos, e com uma doença chronica que nunca ninguem teve senão ella, soluços que a não deixavam nem comendo torrões de assucar, nem levando palmadas nas costas. A Mourão mais velha, a Sofia, tinha vinte annos, e não deixava de ser prendada. Fizera exame de instrucção primaria no lyceu, sabia francez, e tocava piano. Cantava tambem de ouvido, e tinha uma boa thesoura. Era ella quem fazia os seus vestidos, tirando os moldes da «Mode Illustrée», como qualquer modista franceza.

A irmã mais nova, a Amelia, não lhe ficava a dever nada em esperteza, excepto para os lavores proprios do sexo. Declamava, e fazia uns versos muito chilros que a irmã, por caridade, não deixava publicar nos jornaes. Ambas eram alegres, bonitas e desenvôltas.

O rapaz que vinha na companhia d'ellas era um visinho, a quem já seis ministros tinham promettido, duas vezes cada um, empregal-o nas alfandegas, mas emquanto não vinha o suspirado despacho tocava guitarra, representava nos theatros particulares, e era noticiarista gratuito de dois jornaes de côres politicas oppostas, contentando-se com os bilhetes que as redacções lhe davam para os touros, e com a carruagem de graça para assistir aos funeraes obrigados das duas redacções antipodas. Andava com a veneta de entrar para a associação dos jornalitas, mas não tinha dinheiro para pagar a quota. Chamava-se Sabino Ferreira, e era confidente leal e discreto das duas irmãs Mourões.

O resto dos convivas era um medico homeopatha, que

A PARTIDA DE XADREZ

se vingava matando gente das reprovações que apanhara em Coimbra; um despachante d'alfandega, que deixava sair carteiras e lapis por todas as algibeiras, e uma familia do quarto andar do predio, composta de pae, mãe e duas filhas, tudo gente muito acanhada, uma especie de idolos de pagode, de caras desorganisadas, e sem flexibilidade nos movimentos.

—«Vamos para a mesa meus senhores.» Disse, limpando o suor, a D. Seraphina.

—«Vamos para a mesa, repetiu.

A primeira cousa que deu na vista ás Mourões foram os collarinhos do criado. Como eram escarnicadeiras desataram logo a dizerem chistes, chamando negreiro ao dono da casa, que puzera o criado de gargalheira. Seguiu-se o silencio usual n'estas occasiões, apenas quebrado pelo tinir das colheres nos pratos da sôpa. O jantar continuava sem episodios, a não ser quando o criado, atarantado com o tamanho das luvas, perdia o tacto dos dedos, pondo os convivas em perigo de um banho de môlho de villão.

A meio do jantar, e ainda em occasião inopportuna, levantou-se solemne o Ezequiel, o socio da firma commercial Feliciano Moreira & C.ª, e disse, pouco mais ou menos, o seguinte embroglio:

—«Levanto-me commovido para fazer uma saude aos donos exemplarissimos d'este lar domestico. Completam-se hoje vinte e cinco annos que o meu velho amigo Feliciano deu a mão de esposo á ex.ma sr.ª D. Serafina, e ella fez o mesmo! Notavel coincidencia! Faz hoje 28 annos que no mesmo dia e á mesma hora se conjugavam os dois...

Ouviu-se então uma voz dizer baixinho:

—«Isso nunca foi coincidencia, se me faz favor...

—«Não será para o meu illustre interruptor, replicou o orador, mas lembro-lhe que cada qual póde ter a sua opinião livre, porque assim lh'o concedem as leis do paiz. Para mim continua a ser coincidencia o facto que apontei.

—«Com a devida venia, disse o noticiarista, sinto não poder estar de accordo.

N'isto, o major deitando agua na fervura fallou assim:

—«Pois para mim é coincidencia, como muito bem disse o sr. Ezequiel, como muitas outras coincidencias que se deram commigo, quando tive a honra de governar o forte de S. João Baptista d'Ajudá.

—«Estimo ter por mim o seu voto auctorisado, e continuo: —Feliz tem sido este matrimonio, excepto em faltar-lhe a prole, que é a concordancia do estado em que os conjuges vivem, o que não impede que eu termine dizendo: A' saude do meu velho amigo Feliciano, honrado negociante d'esta praça, e tambem á saude d'aquella que tem sido o anjo tutelar d'este ninho de paz e de amor.

D. Serafina baixou os olhos ao ouvir que lhe chamavam anjos rompendo os convidados, excepto as Mourões e o noticiarista, em phreneticos applausos aos brindados, e ao orador tambem, a quem o despachante d'alfandega apertava a mão, para continuar a merecêr as boas graças de um dos seus melhores freguezes.

Ia-se já ao termo da sobremesa, quando, inesperadamente, o major Pompeu, já um pouco entrado pelos vinhos finos, se ergueu oscillando um pouco, e disse:

—«Sou um soldado, a quem o rei de Dahomey nunca foi capaz de metter medo. Não tenho a eloquencia do sr. Ezequiel, mas para dizer duas palavras ainda me chega a lingua. Ellas ahi vão: Nos dias de gala as salvas dão-se ao meio dia, e só ao pôr do sol se arreiam as bandeiras. As salvas deu-as ainda agora o sr. Ezequiel, e eu agora, ao pôr do sol d'este banquete, arreio as bandeiras dizendo novamente:

—«A' saude dos dois consortes, de quem já foram ditos os nomes uma vez, e que por isso me poupo a repetil-os.»

A irmão do major Pompeu segredou-lhe ao ouvido:

—«Nunca te ouvi fallar assim! Ias-me fazendo chorar quando te referiste ao brutamontes do tal rei negro.»

O jantar estava acabado. Os convivas levantaram-se, e foram para a sala, depois das senhoras haverem esperdiçado muito beijos, umas com as outras, de que uma das sobrinhás do major fez a estatistica, tirando-lhe a media, e affirmando com os algarismos, que cada conviva déra onze beijos e meio, e recebera outros tantos, sommando todos os beijos dados cento e quatro e tres quartos.

N'este intervallo, a avó das Mourões teve uma birra senil, e queria á fina força ir-se embora para casa, dizendo que aquellas festanças não eram para a sua edade, que estava farta de ouvir aranzeis, que a queriam matar para lhe herdarem os anneis e um fio de perolas avaliado em cincoenta moedas.

Serenada a tempestade começaram as contradanças, marcadas pelo noticiarista, que nos bailes infantis se desemburrára na arte de fazer andar o proximo em bolandas. Como havia falta de homens, dançou tudo, incluindo o coadjutor, que dizia muito pandego a uma das Grillas de quem era par, que lhe apparecesse para o tempo do confêsso, que a queria absolver do peccado de dançar com um padre.

Em seguida cantaram as Mourões, e depois, ao som de ruidosas gargalhadas, deu entrada na sala o noticiarista, embrulhado n'um lençol, que vinha recitar o «José do Capote».

O padre, que em rapaz fizera de mulher da veronica' mordia-se de inveja, punha defeitos ao artista, e affirmava que' se não fosse feio, o desbancaria, não n'aquelle genero pifio, mas no tragico, recitanda monologos da «Nova Castro».

Não sabemos quem foi que denunciou o medico como habilidoso para empalmações, e gerigonças de cartas, o facto foi ter elle posto n'um bolo o chapeu alto do Ezequiel, que a mulher d'este lhe queria á força tirar das mãos, quando com pasmo seu e dos circumstantes, elle lh'o entregava sem uma beliscadura! O effeito produzido por esta escamotação não se descreve! A familia do quarto andar, que nunca vira semelhantes endrominas, tomou medo ao prestidigitador, e estava ás escondidas fazendolhe figas e esconjuros, para que elle se não approximasse de nenhum dos seus, a quem poderia enguiçar, se quizesse.

A D. Serafina não parava. Ora vinha na frente de um taboleiro de bôlos, que distribuia por cabeça, como um bôdo a pobres: ora azafanada aguilhoava a panria do homem dos collarinhos para ir offerecer marraschino e coraçãau ao grupo dos homens em que estava o prestidigitador, explicando desambiciosamente como acachapára, e pozera depois como novo o chapeu de Ezequiel.

—Cem annos que eu viva não torno a apanhar uma noite d'estas!

Dizia a irmã do major, apertando reconhecida a mão de D Serafina.

—«São favores seus, minha senhora. Disto ao bom ainda vae sua differença.

—«E' que não vae, que tem havido de tudo. Se até ao lôto, a que sempre perco, levo de ganho um cruzado!

N'isto ouviu-se a voz pequena, mas affinada da Mourão mais velha, cantando a aria da *Sonambula.*

—«La para isto é que eu não sirvo. A musica contende-me com os nervos. Mal comparada sou como os cães, que desatam a uivar em ouvindo zabumba!»

A salva de palmas com que a Mourão foi acolhida, abafára as heresias criticas da irmã do major, mas não sem que esta concluisse dizendo:

—«Ha gostos para tudo! Até para achar graça a uma berraria d'estas!

Davam duas horas da noite na egreja de S. Nicolau. O vento soprava da barra, a noite estava escura, e promettendo um diluvio. O dono da casa costumado a deitar-se ás 11 horas, abria escandalosamente a bocca, no que era imitado por todos os convidados, com excepção das raparigas, que á falta de homens, dançavam umas com as outras, em tal confusão e balburdia que ninguem se entendia já.

A D. Serafina era incançavel em proporcionar agasalhos, chapeus de chuva, e até galochas de borracha ás visitas, para poderem affrontar o temporal que corria desfeito lá fóra. Isto tudo deu logar a nova birra da avó das Mourões que não estava para apanhar uma constipação, dizia, chamando muitos nomes feios ás netas e aos donos da casa. As Grillas combinaram entre si deixarem-se ficar em casa da madrinha, emquanto que o major, sempre bellicoso, apesar dos protestos da familia, instava pela retirada, fosse como fosse, affirmando que a chuva não quebrava osso, e o mais que podia succeder era as senhoras perderem uns poucos de trapos que não prestavam para nada.

Que falle de si, e dos seus, diziam as Mourões. Se a irmã e as sobrinhas são umas maltrapilhas, nós que gostamos de andar limpas, não queremos o fato estragado.

Eram tres horas da madrugada e ainda não tinham saido os ultimos convidados. A D. Serafina estenuada, e com os intestinss a arder pelos copinhos de licor de anniz que bebera, dizia para o marido:

—«Estou morta por vêr esta gente toda pelas costas. A'manhã não me levanto da cama... olé!

E o marido affinando na mesma corda.

—«Ainda bem que para o anno já não fazemos 25 annos de casados...

—.Para o anno ha de ser o que Deus quizer.

L. A. PALMEIRIM.

# AS NOSSAS GRAVURAS

UMA FEIRA DE GADO EM VIDAGO

A estação thermal de Vidago, cujo pittoresco aspecto o lapis de Hildibrand tão primorosamente reproduziu, de uma excellente photographia da ex.ma sr.ª D. Margarida Relvas, póde competir com as mais afamadas e prosperas do estrangeiro. Como se não lhe bastassem os attractivos das risonhas paisagens, a efficacia d'aquellas aguas, verdadeiramente milagrosas, dão a Vidago uma celebridade, que não receia já agora concorrencias.

A nossa gravura representa uma feira de gado, que ali costuma realisar-se todos os annos, e que é sempre bastante concorrida.

### DEPOIS DO BAILE

Uma téla encantadora de Bernardo Fernandiz, artista malagueño de subido merito.

Como quasi todos os seus quadros, este distingue-se pela intenção que n'elle domina.

O olhar d'aquella gentilissima mulher, fixando-se na imagem reproduzida no crystal do espelho, traduz fielmente o movimento natural e espontaneo da vaidade feminil satisfeita.

Foi a rainha do baile: é o espelho quem lh'o diz, como já lh'o tinham affirmado os galanteios da *jeunesse dorée* com quem valsara.

E sente-se feliz por isso, sente-se orgulhosa. Se ella é mulher...

### A PARTIDA DE XADREZ

E' singular e legendario o prazer infinito que as mulheres teem, permanentemente, de collocar os homens em lances difficeis.

E' cousa velha como o mundo, e que já lá vem muito de traz.

A herança antiga da maçã do Paraizo, legada por Eva a todas as suas descendentes, não foi regeitada por nenhuma, que o reze a historia, e todas a aceitaram com um enthusiasmo malicioso, com uma anciedade perigosa, que tem, de todos os tempos, collocado os homens, amiudadamente, em muito maus lençoes.

A esplendida gravura sobre que escrevemos, representa uma d'essas herdeiras da loura Eva, mas deve-se confessar em honra d'essa gentil mulher, que o artista desenhou com tanto amor e tão feliz successo, que ella, coitada, é das menos maldosas e das mais inoffensivas.

Se todas as mulheres fossem como ella, e se todos os lances difficeis em que nos pozessem fossem uns modestos e innocentes lances de xadrez, bem ia a cousa para todos nós, e ninguem se queixaria d'ellas senão os caturras que tem o fetichismo do jogo inventado pelo respeitavel brahmane Sissa, e o pobre diabo de Satanaz, que não teria apanhado o momento da maçã para principiar a colonisação do seu vasto territorio tão desacreditado pelos seus visinhos.

E' verdade que todas as desgraças e todos os desgostos são relativos, e pode muito bem ser que esse velho e grave parceiro da nossa gravura, que medita tão profundamente, encostado á mão que emerge das ondas rendilhadas dos seus brancos punhos luxuosos, com os olhos pregados no taboleiro dos sessenta e quatro quadradinhos, se lhe dessem a escolher entre a maçã e o xeque-mate, preferisse impiamente a maçã.

Vê-se na sua physionomia, séria, austera, meditativa, assombreada de profundas preoccupações calculistas, que elle liga áquelle taboleiro e áquellas pedras a mais alta importancia, uma importancia tão conscienciosa e arreigada como uma pequena liga ás suas bonecas, um collegial ao seu cigarro, um poeta á sua rima, uma mulher á sua *toilette* e um rei á sua corôa.

Muito mais ainda, talvez.

O quadro é delicioso, o desenho magnifico, a gravura um primor.

Como todas as obras de arte realmente notaveis, este pequeno quadro dispensa qualquer explicação, explica-se por si mesmo.

As figuras estão soberbamente agrupadas, lançadas no papel com uma grande verdade de *pose* e de expressão.

### UMA VISTA DE PRETORIA

A nossa gravura representa uma vista de Pretoria, estação importantissima da republica do Transvaal.

Pretoria é capital da provincia transvaaliana.

O Transvaal é um Estado da Africa meridional, que tem 240.000 kilometros quadrados de superficie, approximadamente. Ha ali vastas planicies onde se caça o elephante.

A população do Transvaal compõe-se de 40.000 boers e de 250.000 cafres submettidos.

Os boers, antigos colonos hollandezes, emigrados da Colonia do Cabo, são pastores quasi selvagens.

### O CASTELLO DE PALMELLA

Um castello vetusto, que já teve os seus dias de gloria, e que hoje serve de abrigo a meia duzia de velhos reformados e invalidos como elle.

Esteve ali preso, em epocas remotas, o bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes.

O ponto onde esta fortaleza foi erigida é um dos mais pittorescos que conhecemos, e de molde a inspirar poetas.

Aos pés do velho castello corre o Tejo crystallino, murmurando endeixas e canções.

## O MOCINHO DO CEGO

Por veredas, por algares,
De verão, de inverno vae,
Entoando os seus cantares,
Por aldeias e villares,
O filhinho com seu pae.

Este era um ferreiro forte;
Muito, muito trabalhou;
Mas vejam: que triste sorte!
A mulher roubou-lh'a morte,
E um raio a luz lhe roubou!

E' o filho em tenra edade
O unico amparo que tem,
N'esta sua extremidade
Suppre o filho na orphandade
A falta da propria mãe.

Na sua noite o consola,
Pelas trevas o conduz.
Teve de deixar a escola
Para andar pedindo esmola!
Ceguinho... d'um cego é luz!

Quando mendiga na aldeia
E vê os outros brincar,
E' mais triste a melopêa,
E o coração lhe salteia
A vontade de chorar.

Recorda-se dos folguedos
Que ali já gosou tambem,
A saltar pelos penedos,
A trepar aos arvoredos,
Causando sustos á mãe;

Lembra-se então da levada
Onde aprendia a nadar,
E da rocha alcantilada
De onde ia a rapasiada
Ao negro açude saltar;

Dos jogos ao vir da escola,
Esse pular e correr
Da ave que sae da gaiola,
E pelos ares se evola
De jubilo a estremecer;

Lembra-se das ladainhas
Cantadas em procissão,
Quando verdejam as vinhas
E buscam as andorinhas
O limo fresco do chão;

E, com a voz dolorida,
Canta e parece chorar.
Ai! que triste, triste vida
A de uma ave que, ferida,
Tenta... e não póde voar!...

—Salta, pula, corre, canta—
A natureza a dizer;
Não ouve! Quanto me encanta
Essa austeridade santa
O' doce heroe do dever!...

N'um hippógrifo montado,
O tempo seguindo vae
O seu curso desenfreado,
E o filho sempre algemado
A' tristeza de seu pae!

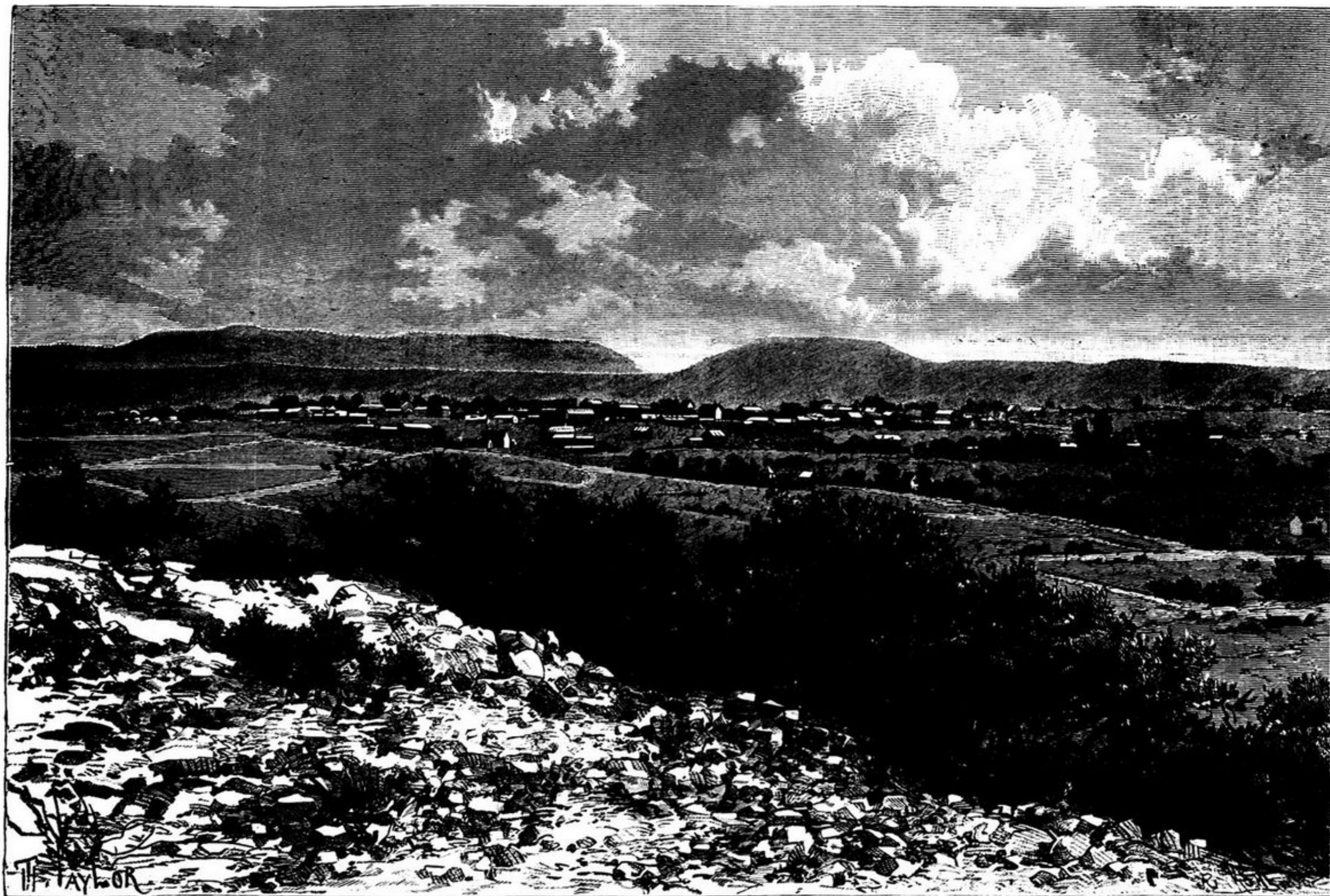
Se vem de provincia estranha,
Onde as villas percorreu,
Ai! que alegria tamanha,
Se ao dobrar de uma montanha,
Vê a terra em que nasceu!

Ao longe o povo fumega,
Mas por fim eil-o a chorar,
Porque á noite a casa chega
E a casa está como cega,
Sem ter lume no seu lar.

Ai! que saudade o assalta
Do tempo em que tinha mãe!
E descendo a montanha alta
Lembra se da sua falta
E chora o cego tambem.

.............................

Nascerão ainda flores
Pelo chão que pisas. Ai!
Teu destino não deplores,
Serás livre... quando fores
Chorar na campa do pae!

ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

UMA VISTA DE PRETORIA

# EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## CHARADAS

NOVISSIMAS

E' agradavel este indicador, por ser do theatro—2—3.
Esta terra era alegre em Lisboa—2—2.
Encontras no palacio esta aleijada, por ser uma cidade—2—2
Este titular todos nós temos no peito—2—3.
Este adverbio aperta este nome—1—2.
Adoro e tenho, como tu tens, este appellido 2—1.

SILVA.

---

Na musica e na India liga—1—1.
E' doce aqui este peixe—1—1.

SOBRAC.

---

EM RECTANGULO

Na arvore . . . .
o dono . . .
do moinho . .
tem este artigo .

FANTOCHE.

---

EM VERSO

(A J. I. DO LAGO)

Morada de leões, tigres, pantheras
Que vagueiam ferozes pelo matto,—2.
Levantando co'as patas, do terreno
O que eu tiro do fato!—1.

Na musica te achei! Lá te vi, pura
Como as tuas seis doces companheiras, - 1.
A sete e quinze passos no alphabeto,
Junctando estas brejeiras!—1.

E tendes gente assim, cruel, feroz,
P'rá qual não póde haver outro Ferran,
Oh! terra de Sandwich, oh! Caledonia,
Oh! ilhas de Adaman!?...

C. SERTORIO.

---

Esta parte primeira da charada,
fosse embora central, ou derradeira,
teria ainda assim,—oh! coisa rara!
alta honra de ser, qual é, primeira!—2

Da affirmação, que acima fica exposta,
não duvidem jamais; é verdadeira,
e é, por isso mesmo, exactamente
egual a esta parte derradeira!—2

Releva os trocadilhos, charadista;
mas... affirmo que o todo inda é primeira,
entre as suas irmãs a mais ridente,
amorosa, suave e prazenteira.

A. C. BAPTISTA.

---

## LOGOGRIPHO

Indica ser divergencia;—7 - 1—2—7—3—8.
Ladino e feio animal,—7—2—3—2—6.

Em africana potencia.—3—8—5—5—6—1—6—7.
Se juntar um vegetal,—8—7—4—5—6.
Terá bella e fina essencia—4—5 - 6—3—8.

Appellido bem vulgar,—4—3—6—5—2—3.
Sendo ave mui conhecida—3—8—1—4—5—2—1—6.
Se este insecto lhe juntar—3—6—7—1—4.
E p'ra egualar a medida—5—4—7 - 6—2—5 - 8.
Zanga pode procurar.—7—4—5—1—8—7—3—6.

Crustaceo mui saboroso.—1—4 · 3—8—5 - 4—6.
Logar bello e aprasivel.—6—4 7—2—7.
Agrada a todo o guloso,—1 - 6—7—1 - 6 5—8—6.
Inculca homem temivel,—7—2—1—4—5—2—6.
Repare que é venenoso.—3—2—7—1—8—5—6.

—Elle está bastante claro!
(Diz o charadista destro)
Pois fazendo algum reparo,
Verá distincto maestro.

MATHEUS JUNIOR.

---

## ENIGMAS

Uns dizem que sou macaco,
Gritam outros, um gatinho;
Teima aquelle que sou rato,
Eu digo que passarinho.
Qualquer ente o pode ser,
Peixe, sapo, ou corcodillo;
Inda além de ser leão,
Serei burro, macho, e grillo;
E' enorme a confusão
Das cousas que posso ser!
Urso, panthera, e giboia
Em mim tambem podes ver!

Belem. C. A. C. DE LACERDA.

---

a a a a a I I I
a a a a a I I I

---

## PROBLEMA

Pedro e Paulo combinaram entre si, dizer, um depois do outro, alternadamente, um numero, não superior a 10, até que a somma obtida prefaça o numero 100.

Como é que Pedro deve escolher os numeros para que ganhe de preferencia a Paulo?

MORAES D'ALMEIDA.

---

## DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Quiteria — Argolas — Barbote — Vieira—

Bo ca
la
do ma

Pal-mi-ro
mi-as-ma
ro-ma-no

Pavia.

DOS LOGOGRIPHOS: — Flavia — Amelia — Eduardo.

DO ENIGMA: — Ante-sala.

DO PROBLEMA: — Os numeros obtidos são os quadrados dos numeros formados, sommando successivamente, a partir da unidade, a serie natural dos numeros.

Ora duas vezes a somma de $n$ numeros inteiros consecutivos, a partir da unidade, é evidentemente egual a $n \times (n+1)$; logo, aquella somma é $\frac{n \times (n+1)}{2}$; e por tanto aquelles quadrados são da fórma $\frac{n^2 (n+1)^2}{4}$.

---

# NAS PRAIAS

Mais um mergulho... outro...

*Ellas* lá estão no banho, ora escondendo o rosto nas aguas do formoso Tejo, ora deixando vêr uma *careta* que os arripios de frio causam áquellas macilentas virgens.

Emquanto Lisboa dorme o somno da semsaboria, as praias recebem com toda a animação as nossas elegantes, que vão ali refrescar-se e buscar allivio ao seu nervoso e aos seus faniquitos.

Levantam-se muito cedo, deixam cahir as tranças sobre os hombros, vestem uns trajes de cambraia e de linho, e vão em busca da sua barraca, brincando, correndo, rindo, como se fossem para uma festa, para um baile do club.

O espectaculo é curioso.

Vêr chegar, ora um rancho, ora outro, preparados para se arremessar ao seio das frescas aguas em estrema animação e de-

lirio, e ellas, as sympathicas creaturas, as madonnas do *high-life*, as pallidas Venus de todas as sociedades, lá vão com uma simplicidade de traje, não deixando todavia de polvilhar o rosto com aquelle *poudre de riz* salvador, com aquella producção maravilhosa que livra uma situação, e promove algumas vezes um desapontamento.

Na algibeira, de envolta com o lenço perfumado, com a carta de amores, com a flor resequida, com um retrato adorado, lá vae a caixa do pó de arroz que hade servir em seguida ao banho, dentro da barraca, entre aquelles pannos felizes que se deixam assombrar pela belleza de um corpo bem feito, puramente celestial.

Mas, o que para ellas é terrivel, doloroso, é a sahida do banho até se esconderem sob aquellas lonas, que nunca imaginaram servir de tão precioso sacrario; é aquella meia duzia de passos incertos, tremulos, em que as faces se lhes tingem do mais sensivel rubor, receiando os olhares dos curiosos, dos admiradores, dos imprudentes que as fitam, que as analysam desde o bico do pé seductor até a cabeça despida dos adornos do Godefroy.

Saem do banho mettidas n'aquelles trajes que as aguas maliciosas tornam indiscretos, n'aquelles trajes que permittem a admiração de um corpo divinamente cinzelado.

Depois... aquelles pésinhos microscopicos, delicados, seductores! Oh, como é bello! E os rapazes, os apaixonados murmuram a phrase do poeta: quem me dera ser o grão de areia que ella pisa!

Lyricos de uma figa, que vão achar em todas as ninharias um poucochinho de idéal, de mystificação, de poesia.

E ellas correm, fogem, escondem-se dentro das barracas.

Em seguida... *o lençol*

Quantos o não invejam, quantos o não quereriam beijar. E lá fica abandonado, entregue ás mãos de um banheiro feio e insensivel, aquelle bocado de panno que o mais sisudo de todos os homens de bom grado conservaria em vaso de ouro.

A epoca é terrivel.

E os soffredores teem commoções, devaneios, sonhos maus e pesadellos.

Mas quantos desenganos se não recebem ao ver *alguma* das elegantes desornada da *tornure* auxiliadora, sem os cabellos encanodados; envolvida n'um casaco de baeta e de flanella; e de cabellos em desalinho, e faces sem mais do que a pallidez primitiva!

Quantos enamorados não estremecem?!

Horror!

Sejamos francos. Quantos amores se não desmancham n'esta epoca de *mergulhos?!*

A moda é sempre enganadora. Tem caprichos e illude-nos facilmente.

Quantas mulheres pouco favorecidas do bello sabem, com mil artificios, com um conjuncto de preparos que Paris exporta para todo o mundo, seduzir, embriagar de amor!?

E encontram nas suas aventuras o maganão de um Romeu com todas as suas pieguices, escrevendo cartas á Werther, e disposto a lançar-se ao Tejo para acabar os soffrimentos dolorosos de uma paixão.

O que vale a muitos é esta medida preventiva de todos os os annos.—*Os banhos.*

Os amores correm ás praias a contemplar as suas deidades. Analysam e resolvem.

A palma gloriosa só a obteem aquellas que, ao sair do banho, são capazes de conseguir uma admiração atravez de tudo o que ha de caricato em todos aquelles vestuarios. Grande victoria!

E' caso para cartão de parabens!

CARLOS DE MOURA CABRAL.

# EM CONTINENCIA

*(Poesia recitada pelo actor Eduardo Brazão, no festival da imprensa em honra de Capello e Ivens)*

E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.
CAMÕES—*Luziadas*

Com profundo respeito e reverencia
venho tambem á luzitana festa,
veterano que passa em continencia
ante uma gloria mais que ao mundo attesta
que, se enlutar-se póde uma eminencia,
e ficar algum tempo muda e mesta,
a nuvem passa e do Sinai no cume
se reaccendem fanaes de vivo lume.

Se apoz muito lidar, muita batalha,
muito instruir, muito guiar o mundo,
se encosta a descançar o que trabalha,
nem é lethargo o somno seu profundo,
nem os laureis que o cobrem são mortalha.
Se dos fructos do seu labor profundo
o querem despojar, ignaros povos,
ergue-se e vinga-se, em prodigios novos.

Que quer dizer o excepcional carinho
com que a nação acclama e condecora
estes dois ao volver ao patrio ninho,
honra não feita aos seus irmãos d'outr'ora ?
Ella, alheia a expansões, ao borborinho
facil de outras nações, febril agora !
—é que são, na tormenta com que arrosta,
—uma gloria,—um protesto, uma resposta.

Resposta a quem? a uma invejosa imprensa,
—estrangeira, por Deus! muito estrangeira!—
que attenua o labeu de cada offensa,
de que a mais torpe é sempre a derradeira,
no patentear, uma ignorancia immensa!
resposta a alguma voz ingrata e arteira
que insinua, que mata, inunda e assola,
*mas acaba por fim pedindo esmola.*

A's insidias d'algum omnipotente,
ás ingratidões vis do mundo inteiro,
que, forte póde ser, rico e potente,
mas não poderá nunca ser *primeiro,*
emquanto houver nas ribas do occidente
este pequeno povo aventureiro,
que inda longiquos povos senhoreia
e escreveu, por historia, uma epopeia.

Honra ao passado, ó crentes do futuro !
gloria ao futuro, esteios do presente !
ergueu-se a nuvem, dissipou-se o escuro :
eis redivivo o lume refulgente.
Ante este preito caloroso e puro,
eu passo em continencia, reverente.
Pois que ha nova lição, exemplo e gloria,
que a epopeia registe—e siga a historia.

THOMAZ RIBEIRO.

## A RIR

Fazem notar a Calino que as arvores da Avenida da Liberdade teem crescido muitissimo.

Elle encolhe os hombros, e responde:

—Podera! Pois se ellas não teem mais que fazer!

*

No Chiado:

—Com que então, deram-te duas bofetadas, hein?

—E' verdade, deram.

—E o lance teve consequencias?

—Teve : andar eu com a cara inchada durante mais de quinze dias.

## UM CONSELHO POR SEMANA

O frio exterior determina sobre certos rostos, cuja pelle é muito fina e susceptivel, erosões e efflorescencias extremamente desgraciosas.

Fazem-se desapparecer estas saturando a agua de *toilette* d'um sal alcalino, como por exemplo o borato de soda, ou, ainda melhor, o bicarbonato.

Convém advertir que a agua de *toilette* usada deve ser sempre fria.

A agua tepida, augmentando a vulnerabilidade dos tegumentos, favorece os males cansados pelo frio exterior.

## A ALCOVA

Era forrada de papel verde pallido, com grupos de Margaridas brancas em gracioso e feiticeiro relevo.

Eu penetrei o secreto humbral, tremulo e supersticioso, como ladrão que perturba no meio da noite o mystico sanctuario d'uma egreja. A larga janella, que abre sobre o pomar e o jardim, enchia a alcova de tibia luz, de aromas penetrantes e suaves modulações de passaros que choram a despedida do sol.

Cahia a doce tarde e os ultimos lampejos do dia quebravam-se no regaço da natureza extatica e voluptuosa.

Nem um suspiro humano invadia a minha santa attenção; apenas, do fundo da chacara, chegavam-me ao ouvido sobresaltado umas phrases e umas risadas argentinas, que o murmurio do arvoredo suffocava de espaço em espaço.

A familia corria os seus dominios; era a hora do passeio habitual.

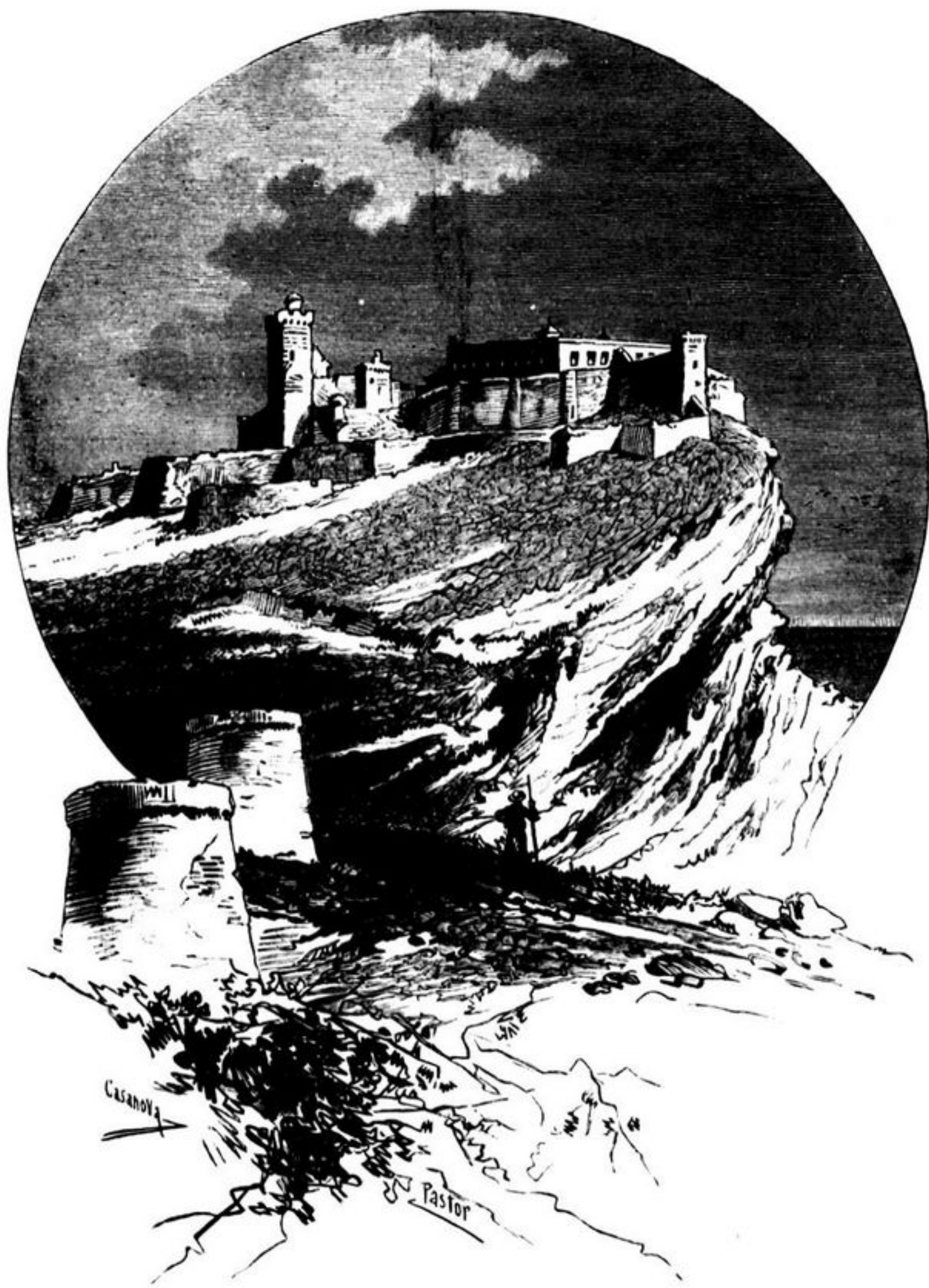
Só, sem que ninguem me surprehendesse na pratica do singelo crime, calquei com pé impuro o macio tapete, onde á noite os pés nús da virgem mais de uma vez descansariam satisfeitos. O tapete ensurdecia-me os passos atemorisados.

Approximei-me ao silencioso espelho do toucador, sem ousar dirigir os meus olhos ao nitido confidente da casta formosura.

cas: o vento trouxe á alcova um denso perfume de boninas e de violetas orvalhadas.

Todo o meu ser estremecia deslumbrado: assim minha alma ficará no dia em que comparecer á immortal primavera do Paraizo.

A um canto da alcova, a harpa parecia entoar ainda a balada de Cecy, e as notas dispersas voavam na macia escuridão com as suas azas acariciadoras.

Descerrei as alvas cortinas ondulantes e approximei-me a um livro aberto sobre a colxa de setim azul celeste. Seria um a novella? Ella, creatura de dezeseis annos que abandona o surdo rumor das orchestras do baile, e foge ao mundo traidor com a

O CASTELLO DE PALMELLA

Seria uma profanação: a profanação da nuvem que mancha a limpidez peregrina da peregrina estrella.

Sobre o marmore côr de rosa do toucador, n'um delgado e elegante vaso de porcellana, luctava, entre a vida e a morte, uma longa açucena desmaiada.

Um frasco de crystal aberto exhalava do delicado bojo nuvens de perfume, que me pareceram flocos de incenso. Tentei alguns passos.

N'uma casta penumbra estacionava, coberta de cambraias e rendas, a cama virginal. Atravez do cortinado transparente viase uma cabeça de Jesus consolador: o alvo Jesus, protector das donzellas, dos lyrios e das creanças.

Os olhos immaculados do Cordeiro, erguidos ao céo, imploravam a Deus protecção eterna para a fraca e adorada innocencia.

As aves cantavam n'esse momento, mais ternas e melancholi-

sofreguidão das azues andorinhas ás primeiras ameaças do frio, procuraria disfarçar a pesada solidão que se impunha, tragando, pagina por pagina, o tremendo veneno dos romances e do amor que mata?

Mas, os olhos do Christo consolador desmentiam o meu atroz pensamento, e d'uma corda da harpa fugio como um gemido de dôr e de vergonha.

O livro era encadernado em percalina escura, e na pagina aberta eu li: «Protegei, meu Deus, protegei sempre a minha virtude, e salvai a minha alma das tentações da vida.

Pelo sangue do vosso divino Filho, pela corôa de martyrios que rasgou a sua bemdita fronte, pelas lagrimas que Maria derramou entre os espinhos do Calvario, protegei a minha innocencia!»

Luiz Guimarães Junior.

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa